

EDITORIAL

No que o homem se torne coisal – corrompem-se nele
 Os veios comuns do entendimento.
 Um subtexto se aloja.
 Instala-se uma agramaticalidade quase insana, que
 Empoema o sentido das palavras.
 Aflora uma linguagem de defloramentos, um
 Inauguramento de falas.
 Coisa tão velha como andar a pé
 Esses vareios do dizer.

Manoel de Barros, (2010, p. 265)

Compôr uma edição sobre Educação estética partiu do desejo de dar vazão às pesquisas que buscam compreender os processos de construção da subjetividade humana por meio das artes. Esta edição tem como escopo central o processo de formação estética fundamentado no convívio cotidiano com a arte, com a cultura e com a natureza. Esta escolha revela que acreditamos na importância do conhecimento sensível, em especial do saber que se constrói por meio das artes para a formação humana. Partimos da ideia inicial formulada por Duarte Jr. (2010) de que o mundo nos chega primeiro pelos sentidos e que, portanto, a aprendizagem que obtemos neste mundo vivido se dá pela nossa sensibilidade e percepção. Se o homem hoje se encontra embrutecido e deseducado é porque ele despreza as outras formas de conhecimento do mundo, para além daquelas que priorizam o conhecimento intelectual. Problematizar o saber sensível sem apartá-lo do inteligível foi a proposta inicial para que pudéssemos trazer à baila as pesquisas que aqui o leitor encontrará.

Com a intenção de sinalizar que a arte requer inverter a lógica sobre a qual se assenta a sociedade de consumo, inauguramos este texto com o poema de Manoel de Barros, um convite a pensar a literatura não apenas como a arte da palavra que possibilita o domínio da língua, mas, sobretudo, como aquela que instala um desconforto no leitor e lhe possibilita “vareios do dizer”.

Para ampliar “os veios comuns do entendimento”, de que nos fala Manoel de Barros, trazemos o artigo *Educação pela literatura: Balzac, Chartier e a costureirinha chinesa*, de Lucelena Abrantes Ferreira, uma reflexão sobre os caminhos de formação do leitor literário, com base em uma leitura do filme *Balzac e a Costureirinha Chinesa*, realizada a partir de conceitos desenvolvidos na obra de Roger Chartier. A autora propõe uma incursão neste filme e por meio de suas três personagens a compreensão de conceitos fundamentais acerca das práticas que organizam o acesso e o contato com os textos literários.

Para estabelecer um diálogo com este texto, trazemos o artigo *Educação estética pela leitura literária*, de Flávia Brocchetto Ramos e Taciana Zanolla, que faz uso do texto *Meninos do mangue*, de Roger Mello (2001), para sinalizar práticas leitoras de literatura no ambiente escolar, por meio de uma proposta que acolhe o repertório e as expectativas do leitor, contribuindo para a sua educação estética.

Literatura e a vida prática, de Rogério Lima, é outro artigo que suscita uma série de questões sobre a literatura e o seu consumo na escola, adentrando nas formas de abordagem e ensino da literatura, apontando para a necessidade da construção de uma crítica ligada ao pensamento político. O autor faz uma incursão pelo cinema, pelo jornalismo e pela literatura para discutir alguns conceitos sobre as escolhas que o leitor faz hoje, na modernidade, e a influência da mídia nessas escolhas.

Também sobre o ensino de literatura no Brasil no contexto de Ensino Fundamental e Médio versa o artigo *Ensino de literatura e livro didático: uma abordagem a partir das pesquisas na pós-graduação brasileira*, de Danielle Amanda Raimundo Silva e Celdon Fritzen, com foco no livro didático. A discussão gira em torno de duas opções que tem o professor em sala de aula: de fazer da atividade de leitura algo pragmático ou um meio à fruição estética. A pesquisa tem como corpus 107 resumos de dissertações sobre o ensino de literatura disponíveis no banco de teses da CAPES.

O ensino da literatura vai se avolumando nesta edição e por meio do artigo *Estética e Dialogismo: o papel da literatura na formação da cidadania*, de Ana Cristina Ferreira-Pinto Bailey, passamos a perceber a função emancipatória da literatura. A pesquisadora toma como objetos de análise a obra da escritora chicana Gloria Anzaldúa e a da brasileira Eliane Potiguara, duas autoras que unem

ativismo político e criação estética em sua literatura. Tendo em vista o conceito de dialogismo de Bakhtin, a pesquisadora propõe uma reflexão acerca da função da literatura como instrumento formador da cidadania. Em contato com a obra literária, o indivíduo leitor - auxiliado pelo professor e por seus pares - mantém um diálogo que amplia sua visão de mundo e assim se cumpre o papel transformador e formador da cidadania.

A discussão sobre o ensino de literatura se alonga por meio do artigo *Formação estética de educadores: diálogos entre os fazeres da arte e da educação para a infância* de Simone Cristiane Silveira Cintra e Eliane Dias Santana Debus, apresentando reflexões sobre a formação artístico-cultural do educador da infância. As pesquisadoras, a partir da narrativa, *Plic, Plic: um barulho da chuva*, de Liliana Iacocca, promovem uma discussão sobre a literatura para a infância, refletindo sobre as implicações que o brincar e o encenar – junto a narrativas literárias produzidas para a infância – podem trazer ao processo de formação de educadores da infância.

A problematização da infância no contexto artístico é a temática que trazemos no artigo *Infâncias e Caixas: Pandora Esperança*, de Denise Marcos Bussoletti e Daniela da Cruz Schneider. Mediante um trabalho realizado no contexto da disciplina de Arte com crianças da 5ª série de uma escola municipal, as autoras buscaram uma aproximação entre a Arte Medieval e a Arte Contemporânea, explorando uma nova linguagem para expressão artística por meio de um objeto do cotidiano que passa a ter uma função outra: uma caixa de sapatos como objeto suporte.

No campo das artes visuais, trazemos a baila o artigo *Desconstruindo o naif: a pintura de Alcides Pereira dos Santos* de autoria de Ludmila de Lima Brandão e Suzana Cristina Souza Guimarães. A proposta é repensar a classificação de primitivista ou *naif* que a crítica atribui a alguns artistas plásticos autodidatas. As autoras identificam nesse procedimento a perpetuação de um dispositivo de colonialidade que precisa ser reavaliado.

Nesse mesmo campo se situa o artigo *Educação e Iconografia Medieval: Rosto de Cristo de Coppo di Marcovaldo e Giotto di Bondone*, de Terezinha Oliveira e Meire Aparecida Lôde Nunes, que discutem as criações artísticas como uma possibilidade de compreensão do processo histórico de formação do sujeito social. As autoras se propõem a analisar criações artísticas, particularmente as mudanças que ocorreram nas pinturas de Cristo dos séculos XII e XIII, como registro do modo de viver e pensar dos homens naquele tempo histórico.

Ao entender que o mundo nos chega primeiro pelos sentidos, não podemos esquecer que os sentidos se materializam por meio do corpo. E para nos falar de uma educação estética pelo corpo culturalmente constituído pelo qual se operam transformações da ordem do sensível, trazemos a pesquisa *Do contato direto com a arte, a cultura e a natureza*, de Ana Beatriz de Paiva Costa Barroso. A problemática que a autora suscita vai encaminhar-se para a questão: Como é, então, educar em arte? Uma questão que vai permitir discorrer sobre as formas de educação, a estética e a em arte, com seus distintos enfoques, apontando como elas se complementam por um elo: o corpo.

Sabemos que há várias práticas e modos de se estar no mundo, e o corpo se faz presente em todas. Para discutir a prática pedagógica como *performance*, adentraremos no texto *Pedagogia da Performance: da presença, do humor e do riso na prática pedagógica*, de Marcelo de Andrade Pereira, Gilberto Icle e Sergio Andrés Lulkin. Segundo os autores, a eficácia do ato pedagógico pressupõe o uso particular do corpo, “uma dimensão de presentificação, de encontro, de toque”.

Nesse mesmo viés, encontramos o texto *Lorqueando: a literatura como vivência estética de si e do outro na educação à distância*, de Fabricia Teixeira Borges, Andrea Cristina Versuti e Angélica de Fátima Piovesan, um estudo sobre a construção identitária docente a partir da vivência estética da literatura na EAD. Por meio de dramatizações, da musicalização e da interpretação dos poemas de García Lorca, o sujeito da pesquisa constrói a si mesmo, utilizando técnicas de teatro, cinema e literatura. Constrói aulas que impactam o aluno, mas também a si mesmo como autor.

Para problematizar o campo do ensino de arte no Brasil trazemos o texto *Representações sociais sobre arte e ensino de arte*, de autoria de Maria José Subtil, Egon Eduardo Sebben e Ademir José Rosso, que vai discutir os sentidos atribuídos à arte, a relação arte e sociedade e como o trabalho com arte na escola vem sendo desenvolvido. Por meio deste estudo observaremos que há, ainda por parte dos professores, uma atribuição utilitarista à arte na escola e que os licenciandos, na sua maioria, entendem a arte em seu sentido histórico, social e como campo instituído da produção

Por último, temos a grata satisfação de presentear o leitor com a entrevista elaborada pela Profa. Carla Carvalho, direcionada ao pesquisador João Duarte Jr. Nela. Ele aborda as formas pelas quais o ser humano percebe o mundo e elabora os conhecimentos, estabelecendo diferenças entre o conhecimento inteligível e o saber sensível. Por meio desta entrevista, perceberemos que a arte nos ajuda a significar o mundo e a existência, pois por meio dela podemos perceber aspectos que nem sempre se fazem ver pelo conhecimento inteligível. Uma leitura que nos levará a desvelar o que a experiência artística e estética provoca no homem: que ele se torne coisa – corrompendo-se nele os veios comuns do entendimento, como poetiza Manoel de Barros.

A Comissão Editorial